

PATRIMÔNIO: SIMBIOSE HOMEM-MEIO AMBIENTE

Maurí Luiz Bessegatto¹

RESUMO: Aspiramos levantar alguns parâmetros reflexivos referentes a proficuidade da temática da Educação Patrimonial na contemporaneidade. Como agentes irradiadores da Educação Patrimonial, objetivamos despertar o interesse nas comunidades, com a novidade do tema, problematizando-o, para que possam construir o conhecimento, desenvolvendo o objetivo básico que é de torná-los sujeitos históricos, desenvolvendo a cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: patrimônio cultural e ambiental; homem; futuro.

ABSTRACT: We aspire to raise some reflexive parameters about the successful of subject matter of heritage education nowadays. Like broadcasters of heritage education, hope to awake the benefit in the communities, with the new topic, to that they can built the knowledge, developing the basic target that is become them in historic subjects, developing the citizenship.

KEY-WORDS: cultural and environmental patrimony; man; future.

1. LUZ DE CENA: QUEM É VOCÊ E O QUE FAZ POR AQUI?

Seja você quem for:
Você é aquele ou aquela para quem
A terra é sólida e líquida,
Você é aquele ou aquela
Para quem sol e lua perduram-se no céu,
Pois ninguém mais que você
É o presente e o passado,
Ninguém mais que você é a imortalidade
Walt Witmann²

¹ Acadêmico do curso do Mestrado em Integração Latino-Americana (MILA), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil – Especialista em Educação Infantil e em Arqueologia. Autor do livro: “O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas”. Possui vínculos empregatícios com a UNOCHAPECÓ (afastado para qualificação acadêmica). E-mail: maurilui@terra.com.br ;

² Trecho do poema “*CANTO DA TERRA GIRANDO*”. In: WHITMANN, Walt. Folhas das Folhas de Relvas. São Paulo: Brasiliense. 5ª ed., 1990. Pg. 91.

Com a interrogação acima, pode ser pensada como uma questão cotidiana que nós é sussurrada pela Terra.

A temática do patrimônio é hoje uma das mais prolíficas e profícuas da nossa contemporaneidade e, por isso mesmo, essencial para levarmos o patrimônio para todos os segmentos comunitários.

É prolífica, pois para nós estudiosos da cultura material pretérita e presente, nos traz fecundidades ao nosso labor enquanto professores, arqueólogos que somos.

É profícuo, pois é um tema para pensarmos o futuro pois,

“A Terra não é simplesmente a adição do físico, do vital, do mental e do espiritual. Ela encerra todas essas dimensões articuladas entre si, formando um sistema complexo. Isso nos permite perceber que todos somos interdependentes. O destino comum foi globalizado. Agora ou cuidamos da humanidade e do planeta Terra ou não teremos mais futuro algum. Até hoje podíamos consumir sem nos preocupar com a exaustão dos recursos naturais; podíamos usar da água como quiséssemos, sem consciência de sua extrema escassez; podíamos ter filhos quantos desejássemos, sem temer a superpopulação; podíamos fazer guerras sem medo de uma catástrofe completa para a biosfera e para o futuro da espécie humana. Não nos é mais permitido pensar e viver como antes. Temos de mudar como condição de nossa sobrevivência na biosfera (BOFF, 2004)”. [os grifos são meus]

Sabemos que o mundo esta em completo desarranjo, mas mesmo assim acreditamos que disso haverá novas plantações e não fazemos parte das pessoas com a visão catastrófica do nosso futuro, mas sim que acreditamos na visceral simbiose homem-meio ambiente.

Com o alerta acima, cabe agora, mesmo que sucintamente, tecermos nosso pensamento a respeito do que entendemos sobre patrimônio.

Para nós que entendemos que *“a arqueologia estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformação com o decorrer do tempo a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade”* (FUNARI, 1988:05), estamos partindo do princípio que somos fazedores de cultura. Desde que o homem se fez homem, sempre fizemos cultura com o meio ambiente. E mais que isso, também fizemos cultura no meio ambiente. Ao falarmos sobre nossa cultura feita ‘com’ o meio ambiente, estamos falando da nossa cultura material, a

tangível. E, ao falarmos de nossa cultura feita ‘no’ meio ambiente, estamos dizendo mais diretamente a nossa cultura imaterial, a intangível. Nossos valores, hábitos, costumes.

Com o uso destas duas preposições ‘com’ e ‘no’ (*em + o*), deixamos claro que para nós não há dicotomia entre patrimônio ambiental e patrimônio cultural. E esta não dicotomia ao que se refere ao nosso patrimônio, nos coloca em responsabilidade sobre o pensar homem-meio ambiente, frente ao novo milênio que já nos acolhe.

Para nos embasar diante desta nossa posição, temos a dizer que:

“Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, nem pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, cujo produto, por sua vez condiciona, ação e reflexão. É, portanto através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para pleno exercício da maneira humana de existir (FREIRE, 1991:17 -18)”. [os grifos são meus].

Na condição de graduado em história somos herdeiros do marxismo e vemos as coisas, as relações, não como processos separados ou estanques, mas como componentes de uma totalidade dinâmica. Assim, homem, ambiente e sociedade são instâncias que se completam e não podem ser observadas de forma dissociada. Há, como se diz em nosso jargão, uma relação dialética entre eles, uma interpenetração que os transforma em realidades concretas e não meras generalizações e abstrações.

E sobre esta relação homem-meio ambiente temos a dizer que, é importante que o ato de intervir de nós estudiosos, pesquisadores, educadores, não tenhamos em vista apenas à preservação e conservação em relação ao meio-ambiente e ao patrimônio cultural (material e imaterial), mas também à organização e à melhoria da qualidade de vida e de trabalho humano.

2. PRELÚDIO: O FUTURO

Vamos ao nosso ato preliminar. O nosso primeiro passo para um desfecho. E quando pensamos o nosso patrimônio e sua relação com nossas vidas, e a nós cabe aqui dizer que nosso prelúdio nos levará a um arremesso ao nosso futuro.

O futuro, tempo que segue ao presente, aos acontecimentos relacionados há um tempo que há de vir, há na contemporaneidade um conjunto de riscos de não futuro. Um apelo ao presente. Como por exemplo: “Viva o hoje! Amanhã só a Deus pertence”; “emagreça 10 kg tomando ‘x’” (...) E assim por diante.

A idéia de futuro está estilhaçada. Não há um regramento. E num país tradicionalmente autoritário, como educar? Como manter uma relação de afeto com o passado para que se perceba nele o nosso futuro?

“O século XV e XVI são celebrados pelas viagens de descobrimento que provaram que o mundo é redondo. O século XVIII presenciou as primeiras proclamações dos direitos humanos universais. A conquista do espaço no século XX permitiu que um ser humano contemplasse nosso planeta de fora e o visse, literalmente, como um só mundo. Neste momento, o século XXI tem diante de si a tarefa de desenvolver uma forma adequada de governo para esse mundo único. Trata-se de um desafio moral e intelectual de porte monumental, mas não podemos nos recusar a aceitá-lo. O futuro do mundo depende da eficácia com que o enfrentarmos” (SINGER, 2004:257).

Como já dissemos, há em nossos jovens um portfolio de riscos de um NÃO futuro. A idéia de futuro está esfacelada. Há sim um apelo ao presente. O futuro parece estar apenas apresentado, por exemplo, nos comerciais de agência bancárias e financiadoras de empréstimos. São apenas relapsos de futuro.

Diante desta realidade e num país, como é o caso do Brasil, tradicionalmente autoritário e desigual, já não é ora de deixar o local aonde residimos, trabalhamos, fazemos amor, sofremos, como um local aonde o foco maior venha a ser o uso de uma interjeição, de uma locução, de um "OH!" para com as questões que envolvem o patrimônio (ambiental e cultura da humanidade), pois como nos diz a premissa de que quando pensamos o futuro não podemos esquecer nosso passado? Não é esta a grande meta ao novo século que já nos acolhe, e dar a ele um olhar mais atento ao patrimônio da humanidade para garantir nos jovens e em todas as comunidades um futuro e a vida preservada?

“As questões da cidadania cada vez exigem mais a construção de um novo espaço comum, em que dialoguemos, em que enfrentemos as questões novas de nosso mundo. Não dá para ficar só em casa, virtualizando nossa relação com o outro. Precisamos de novos elos, de

*uma nova sociedade, que dê conta dos desafios que a nova natureza e a nova cultura colocam*³.

Ao nosso olhar, muito do que se vê da maioria das escolas e demais espaços de nossas comunidades, é que elas não estão ensinando para a felicidade e sim para que, em especial, as crianças e jovens aprendam a ganhar dinheiro, quando isso somente deveria ser uma consequência e não uma meta.

Entendemos que educar é também, tirar para fora talentos e vocações. Não é imprimindo e impondo talentos e vocações. Mas sim, permitir que se descubram, neles e por eles, os diversos talentos que todos nós somos possuidores. E que também somos portadores de vocação, que é aquele momento onde a gente supera os sofrimentos e ultrapassamos os próprios limites da nossa escolha. Aí sim chegaremos ao nosso pleno futuro, a nossa grande estréia.

Mesmo dentro da academia, se observa por muito tempo um distanciamento com as comunidades, e aqui em específico falamos das escolas, onde a ação educativa é o local onde iremos criar uma cultura, que é a instituição escolar, o local mais profícuo para plantarmos e o planeta colher o patrimônio preservado e respeitado. Vejamos o que diz Funari.

“No Brasil, houve, sempre, uma falta de interesse, por parte dos arqueólogos, em interagir com a sociedade em geral – como é o caso, na verdade, alhures na América Latina, como nota Gnecco (1995: 19) – e o patrimônio foi deixado para “escritores, arquitetos e artistas, os verdadeiros descobridores do patrimônio cultural no Brasil, não historiadores ou arqueólogos” (Munari 1995). A preservação dos edifícios de igrejas coloniais poderia ser considerado, no Brasil e no resto da América Latina (García 1995: 42), como o mais antigo manejo patrimonial. É interessante notar que a importância da Igreja Católica na colonização ibérica do Novo Mundo explica a escolha estratégica de se preservar esses edifícios, sejam templos construídos sobre os restos de estruturas indígenas (cf. o exemplo maia, em Alfonso & García s.d.: 5), sejam as igrejas nas colinas que dominavam a paisagem, como foi o caso na América portuguesa. Contudo, nem mesmo as

³ Este trecho foi escrito por Renato Janine Ribeiro, filósofo, professor da USP, diretor de Avaliação do CNPq, em ‘Pensando o mundo’, artigo com excertos do ensaio ‘Perguntas Sobre um Futuro no Qual Estamos, Todos, Imersos’, prefácio do Livro ‘Ecologia Urbana’, com ensaios de Aziz Ab’Saber, Roberto Romano, Nicolau Sevcenko, Zilda Arns, entre outros (Gazeta Mercantil, Caderno Fim de Semana, 16/7).

igrejas foram bem preservadas no Brasil, com importantes exceções, e isto pode ser explicado pelo anseio das elites, nos últimos cem anos, de “progresso”, não por acaso um dos dois termos na bandeira nacional surgida da Proclamação da República, em 1889, “ordem e progresso”. Desde então, o país tem buscado a modernidade e qualquer edifício moderno é considerado melhor do que um antigo. Houve muitas razões para mudar-se a capital do Rio de Janeiro para uma cidade criada ex-novo, Brasília, em 1961, mas, quaisquer que tenham sido os motivos econômicos, sociais ou geopolíticos, apenas foi possível porque havia um estado d’alma favorável à modernidade. A melhor imagem da sociedade brasileira não deveria ser os edifícios históricos do Rio de Janeiro, mas uma cidade moderníssima e mesmo os mais humildes sertanejos deveriam preterir seu patrimônio, em benefício de uma cidade sem passado” (FUNARI, 2001: 03).

Enfim, pretendemos uma prática pedagógica junto a todas as comunidades, que nos leve a um futuro onde ele, o nosso futuro, esteja no passado.

3. TIROCÍNIO: DO BERÇO AOS BANCOS ESCOLARES

A imaginação no ser humano é o que existe de mais poderoso. Neste momento, proponho voltarmos ao nosso berço para entendermos a importância da família para com as questões patrimoniais.

A expressão “tirocínio” é uma dessas estranhas expressões da nossa língua portuguesa com que me deparei por acaso, e que serve de raciocínio a esta parte de nossas reflexões a cerca da educação patrimonial.

Tirocínio, segundo o dicionário Houaiss, é um substantivo masculino que em primeira de suas significações vem a ser o primeiro ensino, primeiro aprendizado, aonde se inicia nossa capacidade de discernimento.

E isso tudo ocorre no cerne familiar.

Ao darmos nosso primeiro grito ao nascermos, começamos nossas vidas com destaque para inteligência e ao fatal tirocínio. Nossos primeiros aprendizados. Nossos exercícios preliminares que nós levará a termos capacidade de discernimentos (mudanças que virão atender-nos nos assuntos de nosso trabalho intelectual).

Isso, ao longo de nossa trajetória, mostrará nossos desempenhos em nossa realização pessoal com fortes reflexos sobre todo nossos comportamento entre íntimos e principalmente, em sociedade, em comunidade. Este é o nosso tirocínio a qual estamos destinados.

Ao voltarmos nossa mente, a mitologia Clássica, podemos ilustrar que a cada nascimento uma tocha de fogo deixa a Grécia, do Monte Olimpo, carregada pela musa Clio, protetora da história, e desloca-se para dar uma passada nas casas dos novos rebentos. Inicialmente, resta a cada seio familiar querer deixar esta chama não se apagar instalando assim o afeto necessário ao nosso viver em simbiose com o meio ambiente e a nossa história, ou seja, ao nosso patrimônio, com a necessária consciência patrimonial a ser instalada com afeto como o importante gesto de ensinar aos recém nascidos a calma que um travesseiro pode proporcionar diante de seu grito de cidadão que já começa a ser construído.

Diante de tanta memória, de tanto testemunho silencioso, vivenciados em nosso ambiente familiar que temos em nossas costas, não dá para manter postura de arrogância perante a gigantesca matéria com a qual fomos feitos.

Para crescer neste ambiente familiar é preciso caber. Crescer sem caber leva a uma série de distorções. Uma planta para crescer, necessita que seu crescimento caiba no vaso no qual está plantada. As relações e uniões estão em fase de pródigo e evidente crescimento. Assim, os pais ao gerarem um filho devem verificar se os mesmos estão acondicionados de modo propício para que tenham o afeto necessário ao mundo a que veio. Um afeto que, como já dissemos, se inicia num pequeno espaço, o nosso berço, qualquer leito.

O mesmo afeto que podemos ter com nosso travesseiro, ao deitarmos extenuados, há que se ter com os demais espaços que interagimos. Contudo, nunca nos obrigaram a sentir o afeto a um travesseiro. Fez-se assim desde pequenos, quando nossos pais nos acalmavam de diversas maneiras, entre elas, o colocar nossa cabeça num travesseiro. Foi um processo educativo, extenuante. Aqui pode aparecer a indagação: e quem não teve uma mãe ou um pai para tal educação? Bem, neste caso, nos parece que fica a mesma pergunta e a mesma relação para quem não foi educado com a carga de valores que o nosso patrimônio traz em si.

E é deste berço, deste leito, que somos preparados para os bancos escolares. Mas deixamos esta questão das instituições escolares para uma outra reflexão, pois esta exige um holofote especial, não sendo objeto específico dessa nossa reflexão neste presente artigo, e focamos nosso olhar a mim, a nós e ao nosso fazer profissional.

4. UM ATO ESPERADO: HOLOFOTES EM NOSSA DIREÇÃO

Sou um profissional comprometido com as questões patrimoniais, com a sociedade em que vivo. Vejamos como faz refletir Paulo Freire sobre este compromisso:

*“Em primeiro lugar, a expressão ‘o comprometimento do profissional com a sociedade’ nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento ‘do profissional’, ao qual segue o termo ‘com a sociedade’. Somente a presença do complemento na frase indica que não se trata do compromisso de qualquer um, mas do profissional. A expressão final, por sua vez, define o pólo para o qual o compromisso se orienta e no qual o ato comprometido só aparentemente terminaria, pois na verdade não termina. (...) A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir (...) Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformando pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, **um ser histórico**, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. Além disso, somente este ser é já em si um compromisso. Este ser é o homem” (FREIRE, 1991: 15). [os grifos são meus].*

Assim, devemos aqui anunciar que antes de tudo, que antes de sermos profissionais, somos homens. Eu sou um homem! Nós somos homens/mulheres... Somos seres humanos.

E por assumirmos aqui esta condição, só queremos anunciar que somos comprometidos com a humanização e não com a desumanização.

Além de homens/ mulheres comprometidos, o somos comprometido no sentido solidário.

Sobre este se assumir, vamos a Paulo Freire reafirmar nossa postura:

*“O verdadeiro compromisso é a **solidariedade**, e não a solidariedade com as que negam um compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em ‘coisas’. Comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também. Esta razão pela qual o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tampouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho comprometido e aquele com quem se compromete a incidência de seu compromisso. Isto seria*

anular a essência do que compromisso que, sendo encontro dinâmico de homem solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. Pois bem, se nos interessa analisar o compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo” (FREIRE, 1991:19). [os grifos são meus]

Diante destas questões, podemos pensar em fazermos algumas questões que nos envolvem num pensar “prático” sobre os defensores do patrimônio e das saúdes dos nossos hábitos e costumes, do lidar com o meio ambiente.

4.1 – UMA CANTATA: AS TAIS PULGUINHAS!

Iniciamos aqui uma proposta de desafirmos a nós mesmos, fazendo perguntas. Vamos à primeira:

- QUEM É EM MINHA OPINIÃO OS DEFENSORES MAIS ARDENTES DA NOSSA FLORESTA AMAZÔNICA?

Em nossa ironia, consideramos que dois foram grandes defensores de nossas florestas em todo período histórico e na contemporaneidade, que “arduamente” atuam mais especificamente na defesa da floresta amazônica.

Estes nossos “dois ambientalistas”, na verdade não são considerados ambientalistas. Mas agem como muitos e de maneira radical. Estamos falando do *Plasmodium Vivax* e do *Plasmodium Falciparum*⁴.

São dois protozoários transportados por um mosquito do gênero *Anopheles*.

⁴ As informações técnicas-científicas de saúde pública que seguem, foram efetuadas em entrevista com o médico Felipe Sparrenbrger, doutorando em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – E-mails: sparrenb@brturbo.com.br ; sparrenb@furb.br - A entrevista, não gravada, foi efetuada com a demonstração do meu texto para que o profissional procurado fizesse a devida checagem científica com as correções, informações e sugestões médicas. O encontro previamente marcado e aceito, ocorreu no 2º andar da Faculdade de Medicina da UFRGS situada na rua Ramiro Barcelos, 2400, bairro Santa Cecília – Porto Alegre- RS, no dia 08 de dezembro de 2004 às 15 horas.

Estes mosquitos ao transportar os dois protozoários picaram e, continuam a picar, o homem branco colonizador, que foi adentrando as florestas brasileiras com seus machados, serrotes, motosserras. Ao serem picados pelo mosquito portador ou do *Plasmodium Vivax* ou do *Plasmodium Falciparum*, enfim de um dos dois protozoários, instalam uma doença, a doença da malária. Uma doença, muitas vezes fatal ao homem.

Ironia à parte, mas o fato é que este mosquito transportador de um dos protozoários matou e continua a matar muitos seres humanos. Por isso mesmo aonde não foi possível ser feita a sua erradicação, o homem precisou fugir para não morrer.

Esta fuga ou morte do homem frente à malária é ao nosso entender a triste realidade de que ainda o homem parece que não se deu conta que a natureza trás e cria em si seus próprios agentes defensores. Agentes estes, criados em muitas vezes pela própria ação do homem.

Este é só um exemplo da resposta de uma relação nem sempre em simbiose, sem interação, mas com intervenção desembastada, desenfreada, sem comedimentos.

Observamos em nossas comunidades muitas pessoas preocupadas com determinados elementos da flora e fauna em extinção.

Com certeza uma atitude respeitosa e bela. Entretanto, por vezes observamos que os elementos fauniano/faunístico dos quais convergimos nossa preocupação, por muitas vezes são distante de nosso habitat e esquecemos de fazermos um resgate histórico de nossa flora e fauna local imediata, juntos as publicações regionais concernentes a este estudo ou mesmo de conversarmos e registrarmos as falas (História Oral) de pessoas acima de 60 anos (a chamada Terceira Idade), nossos velhos, que muito bem irão lembrar de pequenos elementos da vida animal e vegetal que não se fazem presente mais na contemporaneidade e que até mesmo outros elementos de vida, apareceram que outrora não havia.

Com isso queremos dizer, que parece existir determinados ícones de luta que a mídia ou determinadas ONGs elegeram como símbolos de luta preservacionista de nosso patrimônio ambiental. Um clássico exemplo que se vê em todo o Brasil e até no mundo é a luta pelos micos-leões-dourados (*Leontopithecus rosalia*). Nós mesmos já nos engajamos nesta luta pela salvação deste fundamental animal da Mata Atlântica brasileira que está seriamente ameaçado de entrar em extinção.

Não há dúvida de ser uma luta de merecimento, mas o que gostaríamos de chamar atenção aqui é que precisamos olhar mais diretamente ao local imediato

aonde vivemos e quais os sinais da relação homem-meio ambiente não mais são as mesmas de outrora e que vem sofrendo alterações.

Às vezes este tipo de olhar, pode até nós causar uma revisão saudosista de um tempo em que éramos meninos (as), enfim crianças.

Assim, tomo e cito aqui um exemplo que causou este sentimento em nós⁵.

Pergunto:

- SERÁ QUE AINDA EXISTE O “DELICIOSO” *TUNGA PENETRANS* NO SOLO DA COMUNIDADE ONDE NASCI?

Faço esta pergunta até em tom saudosista, pois disse, “delicioso”, mas também porque diante do exemplo anterior, onde com certa ironia, colocamos a malária como sendo defensora das florestas e não os homens, ou seja, por elementos dela mesma, como se o homem não compusesse ela, que seria ou está acima dela e que dela não necessita.

E se agora pergunto se ainda se faz presente o *Tunga Penetrans* na região onde sei que existiu, é porque quando éramos crianças vivendo na região do Oeste do estado de Santa Catarina, mais precisamente no município de São Lourenço D’ Oeste, tínhamos como contexto sócio-econômico-cultural, andarmos de pés descalços. Íamos a escola, a festas, jogos e brincadeiras sem o hoje “obrigatório” uso de calçados, chinelos.

Assim era comum, que o *Tunga Penetrans*, penetrasse em nosso corpo, mais precisamente em nossos pés.

Estamos falando da “famosa” doença chamada popularmente de bicho-de-pé. Através de uma pulga “uma pulguinha”, um inseto do gênero *sifonáptero* (*Tunga Penetrans*) da família dos *tungídeos*, que segunda nossa pesquisa, é de origem sul-americana, relativamente comum nas zonas rurais, onde a fêmea fecundada penetra na pele do homem (ou de outros animais), alojando-se em nossos pés descalços causando uma lesão sólida, pequena, amarelada com ponto preto central e a “deliciosa” coceira provocada por ela que é o que me faz recordar.

⁵ Este exemplo quem nos fez gerar este saudosismo e a esta reflexão, foi o educador Rubem Alves, em palestra feita na “50ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE – RS - BRASIL”, em palestra paralela ao evento cujo tema era: “Sobre ler e o escrever”, no dia 30 de outubro de 2004, às 19h no Teatro Bruno Kiefer da “Casa de Cultura Mario Quintana” (CCMQ).

Lembro que não apenas minha mãe, mas a todas as mães preocupadas com a nossa higiene, semanalmente, fazia uma inspeção profilática para retirar nossos visitantes “prazerosos” que certamente não fosse pelo olhar atento das mães, e até mesmo, dos pais, nossos pés acabariam sendo uma verdadeira hospedaria de *Tunga Penetrans*. Muitas vezes a infestação era tão intensa que algumas vezes se fazia necessário ir a um hospital (sempre distante e/ou ausente na época e no contexto em que vivíamos), onde a pessoa portadora era obrigada a se submeter a uma intervenção em bloco cirúrgico com anestesia.

A profilaxia feita pelas mães não relapsas era simples. Entretanto nem sempre víamos as intervenções profiláticas com uma simples agulha de coser, com ternura e sim nos provocava até raiva, não pelo ato profilático feito pelas mães, mas porque era para nós gostoso ficar coçando nossos bichinhos-de-pé. Que delícia coçar!!!

É preciso aqui esclarecer que no nosso tempo de criança, em nosso contexto social, ainda não havia chegado os populares chinelos de dedos, ou seja, não tínhamos como presente em nossa cultura material e imaterial o uso constante e obrigatório de um calçado que nos protegessem das tais *pulguinhas*.

Com o advento das acessíveis sandálias de dedos, e a exigência cotidiana de uma nova reeducação e adaptação do uso de calçados em todos os lugares que íamos, a profilaxia aos bichos-de-pé chegou em definitivo, pelo menos ao meu viver, e com isso foi-se para sempre a grande vontade de coçar meus pés.

Claro e evidente que foi salutar a chegada de um novo hábito, do uso de pelo menos o uso de um par de chinelos para a região do Oeste de Santa Catarina. Ainda hoje, em muitas regiões rurais do Brasil é muito comum a infestação pelo bicho-de-pé. Foi uma grande mudança cultural, pois do cotidiano de “pés descalços”, passamos a categoria dos “pés com calços”.

Entretanto, em nossa lembrança, ninguém se atreveu a questionar se era melhor a sobrevivência do bicho-de-pé para a simples mudança profilática com o uso de um novo adorno, uma nova moda, para nosso corpo, denominado de chinelo de dedos, confeccionado pelos homens que retiravam alguns elementos da natureza, como o látex da seringueira transformada em borracha e do petróleo transformado em plásticos que serviam de alças para afixar em nossos dedos a camada de borracha

que nos protegia do chão, da terra, isolando-nos, agora dos “temíveis” e “porcalhentos” *Tunga Penetrans*.⁶

Se ninguém ousou questionar o salutar chinelo de dedos contra uma doença, nos parece que chegou a hora de pensarmos nosso patrimônio por este viés também, que é o resgate da nossa cultura material e imaterial para obtermos melhores condições de vida e saúde. Será que as mudanças de determinados hábitos, costumes etc., não podem ser repensados, como aqui neste caso da confecção de calçados, de chinelos, que venha a provocar menos danos a natureza, fazendo uso de recursos naturais mais renováveis e menos poluentes como é o caso do plástico?

Assim, com este aparente simples exemplo, do uso global de chinelos de borracha e plásticos, estou levantando nossa visão do que entendemos por patrimônio e sua proficuidade no novo século e milênio que já nos acolhe.

O aparecimento de uma nova cultura material e o fim de uma cultura imaterial (pelo menos a nós que gostávamos do hábito de coçar os pés possuidores de pulguinhas), parece ser sempre algo inquestionável. O aparecimento do novo, sempre nos seduz. Porém o novo, se neste caso melhorou nossas condições de higiene pessoal, fica a pergunta e os holofotes votam-se para nós: será que a cada “novo”, por melhor que pareça, não pode trazer conseqüências danosas à relação homem-meio ambiente? Ao nosso patrimônio?

Como era bom coçar meus bichos-de-pé! Mas melhor ainda é agora refletir sobre aquele tempo e os meus gostos e do porquê e como se deu o seu fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. ‘*Paradigma planetário*’. Artigo publicado no Jornal do Brasil, em 25 de junho de 2004.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A Museologia como uma pedagogia para o patrimônio. In: “*Revista Ciências e Letras*” –FAPA, n.31, 2002, p.87-97.

⁶ É importante salientarmos aqui, que outras medidas sanitárias também foram e continuam sendo importantes nessa redução da incidência de bicho-de-pé, como por exemplo, a proibição de animais freqüentarem as praias, o isolamento de estábulos e chiqueiros, pelo melhor destino as fezes de animais entre outras.

- CABRINI, Conceição. *O Ensino de História*. 4. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARRETERO, Mário. *Construir e Ensinar: As ciências sociais e a história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- COTRIM Gilberto, PARISI, Mário. *Fundamentos da educação: História e Filosofia da Educação*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1981.
- DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada; In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho d' Água, 2000.
- _____. *A importância do ato de ler*. 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *Pedagogia da esperança*. 6. ed, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 17ª edição, 1991.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Introdução à Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Linguística e Arqueologia*. In: *Revista de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada (DELTA)*, 15,1. P.161-176, 1999.
- _____. OS DESAFIOS DA DESTRUIÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL. Publicado em *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 41, ½, 2001, PP. 23-32. pg. 03
- HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEMOS, Carlos. *O Que é Patrimônio Histórico*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LIMA, Lauro Oliveira de. *Mutações em educação segundo Mc. Luhn*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MENEGAT, Ronaldo & ALMEIDA, Gerson (ORG.). *Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades: estratégias a partir de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- NERUDA, Pablo. *Antologia Poética*. Tradução de Eliane Zagueiro. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 10ª ed., 1984.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. *Metodologia do ensino de história e geografia*. São Paulo: Cortez, 1994.
- PESAVENTO, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

- PESSOA, Fernando. *O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- SINGER, Peter. *Um só mundo: a Ética da Globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahi (Org). *Imagens Urbanas – os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.
- VARINE, Hugues de. Patrimônio e educação popular. In: “*Revista Ciências e Letras*” –FAPA, n.31, 2002, pp.287-296.
- VASCONCELLOS, Celso do S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 6. ed. São Paulo:Libertad, 1993.
- VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WHITMANN, Walt. *Folhas das Folhas de Relvas*. São Paulo: Brasiliense. 5ª ed., 1990.
- ZAMBONI, E. *O ensino de história e a construção da identidade*. São Paulo: 1995.

Recebido em: 22/11/2004

Aprovado em: 21/02/2005

Publicado em: 17/04/2005

